



CAXIAS E AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Filadelfo Reis Damasceno

"Caxias joga sempre com o conhecimento psicológico do adversário." Alfonso de Carvalho.

"Psicólogo, resolveu agir, primeiramente pacificando os ânimos, para depois pacificar os rebeldes." Astolfo Serra.

"Caxias, com intuição profunda das coisas, com perfeito conhecimento da alma brasileira e sentindo o espírito patriótico dos rio-grandenses, falou aos farroupilhas." Souza Doca.

"Caxias foi o único dos brasileiros, inclusive alguns riograndenses, que compreendeu os legendários farroupilhas. Foi o único que penetrou no seu íntimo, que sondou as feridas, e que soube procurar o remédio para curá-las e aplicá-lo no devido momento. É que, além de guerreiro, era diplomata e patriota e, além disso, psicólogo." Walter Spalding.

INTRODUÇÃO

Amagnífica ação de comando do Duque de Caxias constitui-se em valiosa e perene fonte de ensinamentos, não apenas para os militares, mas para todos os brasileiros que amam a sua Pátria. Apesar de objeto de numerosos e profundos estudos, a atuação do nosso maior soldado ainda guarda aspectos inéditos e originais, que desafiam a argúcia de pesquisadores dispostos a examiná-los sob novo foco de interesse ou sob novos ângulos de observação.

Em estudos anteriores procu-

ramos demonstrar, com base em documentos oficiais, em testemunhos de participantes das campanhas e na análise de historiadores, que o Patrono do Exército foi precursor e pioneiro em vários assuntos, antecipando-se em muito aos seus coevos, no emprego de medidas, ações e métodos militares importantes, atualmente denominados de Observação Aérea, Leis da Guerra, Forças Especiais, Polícia do Exército e Guerrilha contra Guerrilha.

No presente trabalho, inspirado nas citações de ilustres historiadores, acima expostas, mostraremos que Caxias fez

largo emprego das Operações Psicológicas, com absoluto conhecimento de causa, visando a influir no moral e no comportamento de grupos amigos, neutros e adversários, em benefício dos seus objetivos, da mesma maneira que atuaria, nos dias presentes, o mais competente especialista no assunto.

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Desde os tempos mais remotos, o homem vem utilizando a propaganda, o poder de persuasão e outros meios não violentos, para suplantar os seus adversários, estando a própria Bíblia repleta de numerosos exemplos. A denominação "Arma Psicológica" e a metodização dessas normas, técnicas e procedimentos é, todavia, bastante recente, ganhando maior importância com a consolidação das Ciências Sociais e com o extraordinário avanço tecnológico dos meios de comunicação de massa. O êxito, sem precedentes, obtido com o emprego da Propaganda Ideológica na difusão do Nazismo e do Fascismo e, posteriormente, em apoio ao Comunismo, garantiram um lugar de relevo para a Arma Psicológica no quadro da Guerra Moderna, sob qualquer de suas formas: Guerra Fria, Geral ou Limitada.

A Arma Psicológica, tendo como principal instrumento a propaganda, objetiva conseguir opiniões, atitudes e comportamentos predeterminados, de

grupos ou pessoas, em proveito da causa que defende, mediante a hábil manipulação dos ambientes físico e simbólico. Teoricamente, divide-se em Ação Psicológica e em Guerra Psicológica, embora, na prática, nem sempre seja possível definir os limites entre ambas. A Ação Psicológica, de caráter defensivo e restaurador, subordinada sempre a preceitos éticos e morais, é voltada para os grupos amigos ou neutros e visa a fortalecer a moral das forças amigas, captar e conservar a confiança e o apoio dos neutros e simpatizantes, além de evitar qualquer ajuda ao inimigo. A Guerra Psicológica, de cunho ofensivo e destruidor, é dirigida essencialmente ao inimigo e tem como objetivos enfraquecer a moral do adversário, provocar a discórdia, o descontentamento e a dissidência nas hostes contrárias, induzindo-as à rendição e à deserção.

A utilização da Arma Psicológica, de modo planejado, em apoio às operações militares e visando a obter vantagens previamente estabelecidas, seja por meio da Ação Psicológica, seja através da Guerra Psicológica, constitui o que hoje denominamos de Operações Psicológicas.

Feito este necessário preâmbulo, passaremos a apreciar o emprego das Operações Psicológicas pelo valoroso Duque de Caxias. Chamamos a atenção, desde logo, para o fato de que as ações desenvolvidas pelo insigne soldado não foram meras

operações militares que, por acaso, obtiveram vantagens psicológicas sobre o adversário – como pode parecer, à primeira vista, aos céticos ou aos menos avisados – mas, ao invés disso, foram operações militares apoiadas e complementadas, deliberadamente, planejadamente, por ações políticas e militares; enfim, por Operações Psicológicas, que perseguiam e alcançavam objetivos fixados, isto é, comportamentos predeterminados dos públicos-alvo a que eram dirigidas, sempre a favor da ação de comando do General Invicto.

NA BALAIADA, A AÇÃO POLÍTICA – NEUTRALIDADE ABSOLUTA

Nomeado Presidente da Província do Maranhão e Comandante das Armas, o Cel Luís Alves de Lima e Silva recebeu a missão de pacificar o Meio-Norte, "segundo as circunstâncias melhor o aconselhassem", conforme estabelecia o decreto de sua designação.

Munido de plenos poderes, indispensáveis à ação político-militar que iria desenvolver, o grande soldado estabelece, em sua primeira proclamação ao povo maranhense, a diretriz de sua atuação, que seria a linhamestra de sua conduta nos demais conflitos internos que teve a glória de pacificar:

"Maranhenses, mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que,

por desgraça, entre vós existam."

Essas corajosas palavras ecoaram como uma verdadeira bomba no meio político, contrariando todas as expectativas e surpreendendo a conservadores e liberais. Aos primeiros, custava crer que a Regência, chefiada pelo conservador Araújo Lima, houvesse enviado um representante independente ou neutro, que não os favorecesse nas disputas regionais. Aos segundos, com muito maior razão, parecia tratar-se apenas de um ardil político, mero recurso de retórica, logo desmentido pelos fatos.

Na realidade, contudo, através de uma atitude de impacto, maduramente refletida, Caxias conquistara o seu primeiro objetivo, de caráter essencialmente psicológico. Sabedor de que a causa maior da revolta era a intolerância partidária, a rivalidade entre conservadores e liberais, o ódio surdo nutrido por cabanos e bem-te-vis, alimentado por desmandos, impunidades e perseguições, no manejo do poder, comprehendeu que o apoio a qualquer das facções alargaria ainda mais o fosso que as separava e tornaria impossível a pacificação. Além disso, deixava patente a sua autoridade e a sua independência, subordinadas, apenas, ao objetivo maior de reconduzir o Maranhão ao seio do Império.

Sendo, essencialmente, muito mais um homem de ação do que de palavras, passou a traduzir em atos a sua declarada

intenção. Restabeleceu o funcionamento da Assembléia Legislativa, dispensou igual atenção a conservadores e liberais e agiu com franqueza e correção, dentro da mais absoluta neutralidade, postura que contribuiu para que o vissem, dentro de pouco tempo, não como representante de qualquer partido, mas como um imparcial delegado do Império, que tinha autoridade moral para, como árbitro, dirimir os conflitos.

Prestando contas de sua administração, escreve ao Regente, com a lealdade de sempre: "Coloquei-me no meio dos partidos em que se acha dividida a Capital e os tenho até hoje contido nos seus limites, aproveitando-me de ambos para a pacificação da Província. Não sei se esta política agradará a V. Ex^a mas é a que me parece mais consentânea ao atual estado da Província."

Essa eqüidistância das facções em luta é comprovada pelo testemunho de ilustres brasileiros, pertencentes a ambos os partidos. O Visconde de Araujo, Domingos José Gonçalves de Magalhães, diplomata, político e uma das maiores figuras poéticas do Império, assim se expressou: "Sua política é franca e liberal, conciliadora e previdente, e a ela se deve a pronta extinção da rebelião, que bastante elementos tinha para se prolongar. Por sua severa economia poupou à Fazenda grandes e copiosas somas, nunca foi contraditada a sua justiça, nem levemente alterada a sua

premeditada imparcialidade." O insuspeito João Lisboa, editor do órgão liberal *Crônica Maranhense*, acentuou: "O senhor Luís Alves de Lima e Silva é essencialmente estranho às intrigas políticas. Na sua última, como na sua primeira proclamação, ele nos afiançou a sua neutralidade, a qual tem guardado tão escrupulosamente que, até se há recusado o provimento de certos lugares vagos, só para não ofender suscetibilidades, quer de um, quer de outro lado."

UM GOVERNO PROFÍCUO

Desarmados os espíritos e obtida a cooperação de ambos os partidos, Caxias passa a governar, demonstrando invulgar operosidade e tino administrativo, que se traduzem em importantes obras e realizações. Primando pela probidade, eficiência e fiscalização das despesas, promoveu, com escassos recursos, a navegação do Itapicuru e do Mearim, a abertura do canal Mojó, a melhoria do Porto da Capital, a construção de pontes e estradas, a correção do mapa do Maranhão e a organização do serviço de correios, medidas que, se por um lado facilitaram as operações militares, de outra parte contribuíram, duradouramente, para o progresso da Província.

Por outro lado, complementando a sua ação de governo, Caxias adotou inúmeras providências, semelhantes às que hoje denominamos de Ação Cl-

vico Social (ACISO) ou Ação Comunitária, como a melhoria de praças e logradouros públicos, a reparação de igrejas, a reforma do Liceu Maranhense, a criação de colônias agrícolas para os Índios, na confluência do Mearim com o rio das Cordas, além de estabelecer prêmios para os melhores alunos.

O governo civil de Caxias mereceu de Astolfo Serra, consagrado historiador timbira que estudou a sua atuação, o seguinte julgamento: "O que é mais curioso assinalar é que Caxias tocou, durante pouco mais de um ano em que governou o Maranhão, problemas de tamanha relevância para a vida e o desenvolvimento daquele povo, que até hoje aqueles problemas, estudados uns, iniciados outros, constituem o fulcro nuclear da prosperidade econômico-social da região." Essas palavras consagradoras foram integralmente ratificadas por Brígido Tinoco, um dos seus biógrafos, quando afirmou: "Seu governo, de pouco mais de um ano, talvez tenha sido o mais fecundo, em todos os tempos, nas terras do Maranhão."

A CONCESSÃO DE ANISTIAS

A concessão de anistia aos rebeldes foi uma medida política amplamente utilizada por Caxias e que muito contribuiu para a pacificação do Maranhão. Aproveitando-se da proclamação da Maioridade de D. Pedro II, fato recebido auspiciosamente por

conservadores e liberais, que viam no evento a oportunidade de conquistar o poder, concedeu mais de 13.000 indultos e obteve excelentes resultados práticos com a aplicação dessa providência.

Caxias compreendeu, perfeitamente, que a anistia representava um poderoso instrumento psicológico de dissuasão, que iria influir decisivamente no ânimo dos revoltosos. Percebeu que, além do seu aspecto conciliador e humanitário, que vai de encontro ao desejo de livrarse do sentimento de culpa, muitas vezes reprimido ou negado, mas latente, a anistia oferece, antes de tudo, outra alternativa para a solução dos conflitos, além do recurso às armas, abrindo uma porta ao entendimento. Além disso, contribui para o desfalcque das hostes adversárias, para a ampliação dos efetivos legais e, principalmente, para a conquista do apoio da população civil que, submetida a todo tipo de vexames ao longo do conflito, anseia pelo seu fim e passa a colaborar com a causa da legalidade.

A AÇÃO MILITAR

No campo estratégico, com a larga visão e com a previdência que sempre caracterizaram a sua ação de comando, Caxias compreendeu que era de fundamental importância, para a pacificação, o isolamento dos rebeldes, circunscrevendo a sua atuação aos limites maranhen-

ses. Com isto negava-lhes qualquer tipo de ajuda externa, fosse moral, financeira ou militar.

Com esse objetivo, ligou-se aos governos das Províncias lítrofes, solicitando-lhes a vigilância e a proteção das regiões fronteiriças e, ao mesmo tempo, empreendeu ações nesse sentido. Pediu ao Presidente do Pará que guarnecesse a margem esquerda do Tocantins, evitando a fuga dos revoltosos de Pastos Bons para aquela região; enviou um destacamento para restabelecer a ordem em Carolina, em Goiás, e reforçou Paranaguá com gente e armamento, para que a rebelião não se alastrasse ao Piauí.

ORGANIZAÇÃO PARA A LUTA

Caxias era, antes de tudo, um grande administrador e, como tal, cuidou de organizar e de instruir o seu Exército, dotando-o de todos os meios necessários ao cumprimento da missão, antes de empregá-lo nas operações militares. Seu lema parece ter sido, sempre: "Prover para, depois, exigir."

A sua atuação pessoal vai modificar por completo a situação que encontrou. Dispensa muitos oficiais que julga incapazes ou inúteis, reforça a disciplina, intensifica a instrução, instala serviços de reaprovisionamento e de saúde, através de depósitos e de enfermarias, cria um hospital em São Luís, põe em dia o pagamento, restaura o armamento, equipa adequadamente,

mente, supervisiona, fiscaliza, testa o apoio logístico e, somente então, convence-se de que está pronto para iniciar as operações militares.

Desde o primeiro momento compreendeu que não iria desenvolver uma campanha regular, clássica, exército contra exército, sujeita rigorosamente à doutrina e aos esquemas táticos da época. Teve o descortino — que faltou a muitos dos seus contemporâneos — de perceber as diferenças existentes e de adaptar as suas tropas, seja na organização, seja nas táticas de combate, ao tipo de luta empregado pelo inimigo.

Dando ao seu Exército o sugestivo nome de "Divisão Pacificadora do Norte", dividiu-o em três colunas: a principal atuando sobre Caxias e as demais sobre o Brejo e Pastos Bons, incidindo sobre as regiões mais importantes e mais conflagradas. Cada coluna possuía dois escalões: um, encarregado do contato, combate e perseguição aos rebeldes, onde grandes chefes militares, como Sampaio e Argolo, fizeram o seu aprendizado de guerreiro, em ações tipicamente de guerrilhas. O outro, de ocupação, que completava a limpeza das áreas, restabelecia a ordem e guardava permanentemente as cidades e pontos-chave, impedindo a sua reconquista pelo inimigo.

Além da correta condução das operações militares, que se caracterizou por tenaz perseguição aos rebeldes, sem dar-lhes descanso e reduzindo sistematici-

camente a sua área de atuação, pela ocupação das posições mais importantes, há dois aspectos de relevo na atuação de Caxias, que muito contribuíram para a pacificação: o tratamento humano dispensado aos prisioneiros de guerra e o respeito à população civil.

Um dos seus biógrafos, Hernani Donato, registra: "Mais importante do que a organização dos quadros, baixou ordem em que estabeleceu os modos de conduta para as tropas legais. Começava por proibir terminantemente abuso ou violência e recomendava moderação e temperança. Para o desarmamento dos espíritos prevenidos, essa disposição liberal valeu tanto quanto uma batalha." Em seguida, o mesmo autor sintetiza: "A expressão militar do Comandante-em-Chefe e a atitude moral no repelir a indisciplina dominam inteiramente o meio." Eudoro Berlink confirma: "Nas operações de guerra, acabando com o sistema cruel com que as forças combatiam os rebeldes, conseguiu atraí-los para as suas fileiras." Em outro trecho de seu valioso trabalho, o mesmo autor complementa: "Com a clemência com que acolhia os passados, contrastando assim com o cruel proceder das anteriores campanhas, principiaram a enfraquecer as colunas da rebelião, e a aumentar as legais."

ESCRAVOS CONTRA BALAIOS

Examinando atentamente a

rebelião com que se defrontava, Caxias percebeu que, a despeito de se apresentar como um movimento unido em torno de bandeiras liberais, encerrava, em seu bojo, profundas contradições.

Com a argúcia de um operador psicológico moderno, identificou os grupos ou públicos-alvo adversários e constatou que eram movidos por aspirações dispares e interesses os mais diversos. Os mentores do movimento, líderes regionais do Partido Liberal, homens cultos e esclarecidos, visavam a conquista do poder e, como mantinham prudente distância dos choques armados, seriam neutralizados por sua ação de governo. De outra parte, havia numerosos grupos armados, caracterizando uma rebelião de massa, de cunho marcadamente racial, que se alastrara por toda a Província e ameaçava a Capital. Tomando as rédeas da liderança, que os dirigira até então, julgaram chegado o momento da desforra contra a autoridade conservadora e contra o branco e senhor, e dedicaram-se ao saque, à morte e à destruição.

Raimundo Gomes, um vaqueiro cafuso, dera início à rebelião, atacando a cadeia da vila da Manga, para libertar um irmão, que fora preso por autoridades conservadoras. A ele viria juntar-se Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, cognominado de "Balaio", que aderira aos rebeldes por ter tido duas filhas desonradas por um oficial de polícia, bem como o preto Cos-

me, chefe de escravos aquilombados, que tinha grande ascendência entre os negros por sua fama de feiticeiro.

Caxias percebeu o artifício da sinistra aliança e informou-se das divergências latentes, para explorá-las no momento oportuno. Concluiu que, se pudesse manipular as prevenções existentes, acentuando os seus antagonismos, falaria por jogá-los uns contra os outros, dividindo-os, para batê-los por parte. Concebido o plano, de caráter nitidamente psicológico, por visar a mudança de comportamento dos grupos adversos, passou a executá-lo.

O Visconde de Araguaia, um dos cronistas do conflito, dá-nos o seu testemunho: "Foi sempre política do Presidente impedir a junção dos escravos com os rebeldes, indispondo-os contra os primeiros, o que, de certo, foi uma felicidade para a Província." Em carta de 16 de agosto de 1840, dirigida à esposa, Caxias confirma: "Tenho tido notícias, pelos meus espias, que a intriga que havia feito espalhar entre os rebeldes tinha feito o que eu desejava, isto é, que eles desconfiassem uns dos outros e se principiassem a bater mutuamente."

O Visconde de Araguaia apresenta-nos ainda dois testemunhos que merecem ser transcritos, pois comprovam a tese que estamos sustentando. Afirma ele: "E como em sua política previdente e cautelosa, procurava o Presidente frustrar todas as tentativas, impedir futuras insur-

reções e obstar a aliança dessa gente bruta com os escravos aquilombados, consentiu temporariamente o uso das armas aos rebeldes rendidos que, com nossas partidas, quisessem ir perseguir e capturar os negros do Cosme que, por esse tempo, andava proclamando por aqueles lados. Destarte, chamou em serviço nosso boa parte daquela gente e colheu, como sempre, felizes resultados." Em outro trecho do seu depoimento, sobre a Balaiada, declara: "Por um emissário soube o Presidente Luís Alves de Lima que Francisco Ferreira Pedrosa, chefe de mil e seiscentos facciosos, acotados na Bela Água, desejava apresentar-se, por já não poder sustentar-se e temer não ser perdoado. Mandou certificar-lhe que o aceitaria, com a condição de fazer primeiro algum serviço em desconto de haver empunhado armas contra o governo; que fosse bater os negros e depois se apresentasse.. Assim ele obrou: os negros em debandada e fugitivos, depois do ataque à Lagoa Amarela, correram para a Bela Água, cuidando achar aí apoio, e acharam morte e sujeição."

Para que se possa avaliar até que ponto chegou o antagonismo entre os balaios e os escravos, basta citar o fato de que, após renhido combate, o preto Cosme conseguiu aprisionar Raimundo Gomes. Valeu-se dos conhecimentos deste para a fabricação de pólvora e chegou a marcar a data do seu fuzilamento, de que escapou, mila-

grossamente, por ter conseguido fugir.

NA REVOLUÇÃO DE SÃO PAULO, BOATO CONTRA BOATO.

Tendo eclodido em São Paulo a Rebelião Liberal de 1842, chefiada por Feijó e Rafael Tobias de Aguiar, Caxias foi nomeado Vice-Presidente da Província e Comandante das Armas, recebendo a missão de "sufocar a sedição antes que tome maior força".

Compreendendo a importância da urgência de suas ações, parte de imediato para as plagas bandeirantes, com o reduzido efetivo de 400 homens, que seria motivo de zombarias e menosprezo por parte dos liberais.

Antônio Carlos de Andrade escreveu em seu jornal: "Como! Para combater fosse a quem fosse, e especialmente para combater homens da pátria de Amador Bueno, para subjugar paulistas, mandam-se 400 cadávares ambulantes." Tristão de Abreu Rangel, outro chefe liberal, comentaria com desprezo o desembarque dos legalistas: "Quatrocentas almas do outro mundo, as quais estavam batendo o queixo no rio Pequeno."

Desejando neutralizar a arrogância dos rebeldes e impedir os efeitos nocivos dessas palavras sobre as suas tropas, Caxias lança mão de um astucioso estratagema. Em Santos, comunica às autoridades das cidades

por onde iria passar, que preparam-se alimentação e alojamento para 3.000 homens... Com isso, as suas tropas seriam encaradas como a vanguarda de um efetivo muitas vezes maior, que marchava à retaguarda.

OCUPAÇÃO DA CAPITAL

Atuando com rapidez impressionante, Caxias chega a São Sebastião; parte imediatamente para Santos e, logo em seguida, subindo a serra de Cubatão, em marcha forçada, chega à Capital antes dos rebeldes, coroando de êxito o seu raid espetacular.

A conquista de São Paulo representava importante vantagem estratégica, obtida antes mesmo do início da luta e que contribuiria muito para a vitória final. Além do evidente impacto psicológico sobre os rebeldes, assegurava a plena ação do governo, mantinha intato o aparelho político-administrativo e, no campo militar, introduzia uma cunha central entre os núcleos rebeldes de Sorocaba e do Vale do Paraíba, impedindo a sua junção.

Preocupado em isolar os rebeldes, Caxiasobre-se ao Norte, nas regiões de Areias e Barreiros, de modo a evitar qualquer auxílio do Rio de Janeiro e, face ao Sul, determina que as tropas de Curitiba, então parte da Província paulista, guarnecem a região de Itararé, bloqueando qualquer apoio da parte dos farroupilhas.

Em seguida, Caxias determina a ocupação de Campinas e organiza a defesa da Capital e seus arredores, colocando tropas em Mogi das Cruzes e, principalmente, em Pinheiros, onde estava convencido de que seria o ataque principal do adversário.

MODELO DE PROPAGANDA

Tomando conhecimento de que os rebeldes marchavam sobre Pinheiros, sob o comando do bravo e competente Major Francisco Galvão de Barros França, Caxias envia-lhe a seguinte carta que, pelo seu conteúdo eminentemente psicológico e pela influência que exerceu no ânimo desse oficial, merece ser transcrita em seus trechos mais importantes:

"Amigo Sr. Major Galvão. Que pretende? Quer, com efeito, empunhar armas contra o governo legítimo do nosso Imperador? Não o creio, porque o conheço de muito tempo, sempre trilhando a carreira do dever e da honra. Eu aqui estou, e não lhe menciono minhas forças para que não julgue que exagero. Responda-me e não se deixe fascinar por vinganças alheias. Acampamento de Pinheiros, 26 de maio de 1842. Seu amigo e camarada – Barão de Caxias."

Esta simples missiva de Caxias constitui um precioso exemplo de Operação Psicológica. O objetivo evidente é influir no espírito do seu antagonista, levando-o, se possível, a abandonar a causa rebelde ou, no

mínimo, defendê-la com menor ímpeto. Note-se o cuidado, a sutileza, a técnica de propaganda, dirfamos nós, com que foi elaborado esse documento. Conhecendo perfeitamente a psicologia militar, seleciona os temas do dever, da honra e do respeito à autoridade legitimamente constituída do Imperador. Apesar de estar frente a um adversário com armas na mão, declara não acreditar que um homem correto e brioso, como o Major Galvão, se preste a tamanho absurdo e alerta-o para não servir de instrumento de "vinganças alheias". Além do apelo à razão, toca-lhe na sensibilidade e, através da emoção, chama a atenção para as mútuas afinidades, tratando-o de "amigo e camarada", reconhecendo o seu valor profissional e os serviços prestados à legalidade. A parte mais importante, todavia, é quando se refere ao seu efetivo: Insinua que possui um grande contingente mas não o revela, deixando o adversário corroído de dúvidas. Se o Major Galvão possuísse um bom serviço de informações, constataria, porém, que a situação era bastante diversa. Ante suas tropas, descansadas, bem armadas e municiadas, estavam as de Caxias, inferiorizadas em número, com pouca experiência de combate e esgotadas por marchas forçadas e noites sem dormir...

Teria surtido efeito a carta de Caxias? A resposta é encontrada no comportamento cauteloso dos rebeldes que, apresentando tímida resistência, vão re-

cuando até Sorocaba. Para alguns cronistas e testemunhas da campanha, que não perceberam o dilema psicológico causado pela carta de Caxias, a atitude do Major Galvão foi considerada incompreensível. José Antônio Marinho declarou ser "inexplicável a maneira por que este oficial, aliás bravo e honrado, comprometera a causa que abraçara, pois que, não podendo ele ignorar que o êxito do movimento dependia absolutamente de um assalto à Capital, onde encontraria poderoso apoio, deixou de acometer as forças do Barão". Outro historiador comenta: "Após a troca de epistolas deixou o Major Galvão o acampamento do Jaguaré, retirando-se dessa vez para Bariri. Com efeito, a inação que manteve esse militar não poderá ser facilmente compreendida, tendo em vista a sua reconhecida capacidade bética, assim como a participação sincera que tivera no movimento contra o ministério."

Ao se aproximar de Sorocaba, após obter a decisiva vitória de Venda Grande, verifica-se uma troca de correspondência entre Caxias e Feijó, que se tornou famosa pela coragem e altivez com que ambos defendem os seus pontos de vista. A carta-resposta de Caxias constitui um precioso exemplo de contrapropaganda direta, não apenas por refutar cada idéia contrária com argumentos sólidos, mas por chamar Feijó à realidade, mostrando-lhe que não podia impor qualquer condi-

ção e que a causa da rebelião estava perdida.

UMA ESTRANHA PROCLAMAÇÃO

A combinação de operações militares bem planejadas e executadas com precisão, com ações psicológicas oportunas e eficientes, levou os revoltosos paulistas a seguidos reveses e, principalmente, a um completo desânimo, que os impediu de qualquer reação. Para que se tenha idéia do grau de desmoralização dos rebeldes, em cujas hostes começou a grassar a indisciplina e a deserção, transcrevemos a seguinte proclamação, de Rafael Tobias de Aguiar, o chefe da Revolução Liberal:

"Paulistas, chegou o tempo de mostrardes se sois homens ou sois cobardes. Ou se dirá – ainda há paulistas – ou os paulistas de hoje valem menos que as mulheres. Coragem! Paulistas, mostrai-vos como heróis e não como escravos. Morramos todos, mas não deixemos à posteridade exemplos de temor e cobardia. Não penseis que fugindo evitareis o castigo, aumentareis a ele desonra. Paulistas! Desempenhai o vosso nome, cobri-vos de glória e salvemo-nos a Pátria. Viva a santa religião! Viva a Constituição jurada. Viva o Imperador em liberdade!"

Esse curioso e infeliz documento não surtiu o menor efeito no ânimo abatido dos paulistas e dele não se poderia esperar

melhor resultado. O seu conteúdo é um amontoado de erros grosseiros, revelando, da parte do autor, completo desconhecimento dos mecanismos que regem a psicologia individual e coletiva.

Começa pelo absurdo de admitir a covardia no seio de suas forças, injuria as mulheres, considerando-as seres inferiores, quando as heróicas mulheres paulistas tiveram participação decisiva no episódio dos Emboabas. Ameaça com o perigo inexistente da escravidão, insiste no argumento machista e, além da enfática repetição da palavra "Paulistas", aplicável, na situação, tanto a liberais como a conservadores, não reforça qualquer sentimento comum aos rebeldes, não destaca ideais e aspirações cristalizadas na alma popular e que pudessem — estas sim, ao invés da ofensa e do terror — reverter por completo o estado de espírito dos combatentes. Em síntese, a proclamação incorria no erro mais elementar da propaganda: A utilização da agressividade em alto grau, e que indica, para o psicólogo, em medida diretamente proporcional, o estado de insegurança e de desespero de quem a promoveu.

NA REVOLUÇÃO FARRUPIHLA

Nomeado Presidente do Rio Grande do Sul e Comandante das Armas, Caxias foi incumbido de terminar com a Revolução Farroupilha, que há sete anos

ameaçava a integridade do Império. Analisando as causas do longo conflito, com a visão estratégica que lhe permitia visualizar a complexidade da situação, o grande soldado compreendeu que, à original causa econômica — a penúria motivada por impostos excessivos, por restrições ao comércio e pelo descaso da parte do Império — vieram juntar-se componentes vigorosos e perturbadores, como a rivalidade entre conservadores e liberais, alimentada e agravada por ideais federalistas, republicanos e separatistas, propagados por líderes de reconhecido prestígio político e militar, que contavam com a simpatia de grande parte da população e com valioso apoio de alguns caudilhos platinos.

OUTRO GOVERNO EFICIENTE

Percebendo que a pacificação somente seria alcançada através de uma ação polêmico-militar eficaz, Caxias deu início ao seu governo, utilizando os mesmos princípios que empregara no Maranhão. Procurando desarmar os espíritos, agiu com correção e imparcialidade nos assuntos políticos, corrigindo injustiças e enviando carta-circular a pessoas selecionadas, onde, apelando para o seu patriotismo, solicitava a colaboração para o fim do conflito.

Procurando esvaziar a causa principal da Revolução, encara com seriedade a crise econômi-

ca. Suspende as restrições ao comércio e ao livre trânsito da maioria dos produtos, normaliza as transações entre o interior e a capital da Província, e entre esta e o Rio de Janeiro, combate a corrupção e o contrabando, obtendo como resultados considerável aumento na arrecadação da Alfândega e a adesão de muitas pessoas, que compreenderam as vantagens do restabelecimento da ordem.

Além das medidas de efeito imediato, Caxias cuidou de problemas de longo alcance. Preocupado com a livre navegação dos rios, determinou a limpeza do Vacacáí até São Gabriel, fez melhoramentos no Jacuí e previu a viabilidade da navegação em toda a Província, com a construção, no futuro, de um canal ligando o Santa Maria ao Vacacáí. Ademais, realizou estudos e fez consultas visando a estabelecer a fronteira com o Uruguai.

A ADESÃO DE BENTO MANOEL

A decisão de Caxias de trazer Bento Manoel Ribeiro para servir nas hostes imperiais foi um fato político-militar da maior importância na Revolução dos Farrapos e que influiu sobremaneira no desfecho da contenda.

Quem era Bento Manoel? Por que Bento Manoel?

Nascido em Sorocaba, alistou-se aos 17 anos nas milícias do Rio Pardo e participou com brilhantismo das três campanhas da Cisplatina, onde con-

quistou a reputação de oficial de Cavalaria intrépido e competente e obteve várias promoções por bravura. Ao eclodir a Revolução Farroupilha era Coronel do Exército Imperial, desfrutando de ótimo conceito militar e de prestígio político, oriundo de relações de parentesco e de amizades em quase toda a campanha e de sua sólida situação financeira.

A participação de Bento Manoel na Revolução Farroupilha, contudo, será polêmica e controvertida, atuando, com a mesma desenvoltura, entre os imperiais e entre os republicanos. Iniciado o movimento, a ele incorpora-se e assume o comando das armas rebeldes, em represália à sua destituição do comando da fronteira do Rio Pardo, pelo Presidente Fernandes Braga. Substituído este por Araújo Ribeiro, seu parente e amigo, empresta-lhe apoio, garante a sua posse contestada por facções liberais e, nomeado comandante das armas imperiais, obtém importante vitória na ilha do Fanfa, em que aprisiona Bento Gonçalves e, por isso, é promovido a brigadeiro. Com a nomeação de Antero de Brito, seu inimigo pessoal, para Presidente da Província, prende a este e retorna às fileiras farroupilhas. Em 1840, afasta-se definitivamente dos rebeldes, por discordar da promoção de um oficial que era seu desafeto. Valendo-se da anistia concedida por ocasião da Maioridade, cumpre a exigida condição de residir fora do Império e vai para

Montevidéu, onde permanece em aparente neutralidade até ser convocado por Caxias.

O que torna ainda mais intrigante e curiosa a atuação de Bento Manoel, na Guerra Farroupilha, é que não se pode concluir, como pode parecer à primeira vista, que se trata de um simples aproveitador, que fica em cima do muro e bandeia-se para o lado que tem maiores chances de vitória. A análise criteriosa e imparcial dos fatos revela, ao contrário, que sempre abandonou a causa momentaneamente em vantagem, por razões estritamente pessoais, invertendo, com a sua mudança de posição, a sorte das armas. Dessa forma, ao lado dos imperiais, conquista inúmeras vitórias, levantando o cerco de Porto Alegre, ganhando em Viamão, Rio Pardo, Veleda, Candiota e na ilha do Fanfa. Entre os farrapos obtém idêntico sucesso, quer restabelecendo o cerco de Porto Alegre, quer conquistando a importante vitória de Rio Pardo, um dos maiores feitos d'armas dos farroupilhas, que lhe valeu a promoção a general do Exército republicano, logo seguido da vitória no Rio Caí, onde aprisionou duas canhoneiras.

Compreendendo a importância de Bento Manoel na guerra farrapa, Caxias avaliou perfeitamente as vantagens e desvantagens de sua convocação. Colocando a razão acima da emoção, analisou aquela complexa personalidade e foi capaz de distinguir as suas fraquezas humanas e a sua incontestável

competência militar. Percebeu que ele era o mais preparado chefe militar farroupilha, uma vantagem não desprezível, um valioso trunfo que, mesmo eventualmente afastado da disputa, poderia vir a ser utilizado pelo adversário. Conservá-lo nas fileiras era uma preocupação a menos e, mesmo que não o utilizasse ativamente, tinha-o, neutralizado, a seu lado. Perquirindo as causas de suas constantes infidelidades, identificou como fonte dos seus erros a vaidade, o orgulho, o espírito de vingança, a sede de prestígio e a desmedida ambição política, defeitos comuns a tantos outros caudilhos da época. No fundo de tantos conflitos pessoais, certamente alimentava o desejo e a esperança de ser nomeado Presidente e Comandante das Armas, pretensão que não era absurda, se atentarmos para a incapacidade da maioria que ocupou esses cargos, o que levou Bento Manoel a declarar que a pacificação não se faria sem o seu concurso, o que, de certo modo, mesmo indiretamente, viria a ocorrer.

Em carta dirigida a José Clemente Pereira, então Ministro da Guerra, Caxias demonstra claramente que tinha conhecimento do risco calculado que resolvera aceitar. Inicialmente declara que estava de acordo com aquela autoridade e que considerava impolítico dar comando a Bento Manoel e, muito menos, antes dele ter dado provas de sua contrição. Justifica o seu ato, afirmando que o ex-lí-

der republicano seria de muita utilidade, suprindo-o naquilo que lhe faltava: o conhecimento prático do terreno, além da obtenção de cavalos e gente de Cavalaria da melhor qualidade, que ele poderia conseguir com suas relações de amizade na campanha, principalmente em Alegrete. Em seguida, pede ao Ministro que fique desocupado, pois trataria Bento Manoel com muita cautela, servindo-se dele como de seu vaqueano-mor, ao mesmo tempo em que procuraria minimizar as reações dentro do Exército contra a sua temerária decisão.

Pondo em prática o seu plano, Caxias nomeia Bento Manoel chefe de seu estado-maior, servindo sob suas vistas e sob sua supervisão direta, com a dupla finalidade de certificar-se de sua lealdade e de fazê-lo aceito pela tropa. Posteriormente, convencido de sua utilidade, entrega-lhe o comando da principal coluna do seu Exército, tomado, contudo, a precaução de incluir, na mesma, militares de sua inteira confiança, como um tio, um irmão, dois oficiais do seu estado-maior e alguns ordenanças... Bento Manoel, todavia, correspondeu plenamente à expectativa de Caxias, fornecendo-lhe o apoio dele esperado, combatendo com bravura e competência, dando-lhe a importante vitória de Ponche Verde, última tentativa dos rebeldes de se imporem militarmente e que, fracassando, assinala o declínio da Revolução.

O episódio Bento Manoel é

um valioso exemplo de Operação Psicológica. Além da correta avaliação da personalidade do ex-líder farrapo, indo a fundo nas suas motivações, verifica-se a hábil manipulação dessas motivações, no sentido de que abandonasse a neutralidade em que se encontrava e se incorporasse à causa imperial, trazendo consigo importante grupo, que tinha força militar e prestígio político.

OS DIREITOS HUMANOS

Caxias sempre foi um intransigente defensor dos Direitos Humanos. O seu caráter saudável, resultado de aprimorada formação moral, de profunda convicção cristã e de elevado senso de justiça, não admitia a menor violação aos princípios de humanidade. O seu temperamento, normalmente calmo, sereno e controlado, chegava até a irritação, quando tomava conhecimento de abusos, injustiças, perseguições e ofensas à integridade das pessoas, atitudes que reprimia, de imediato, com o máximo empenho e energia.

A magnanimidade para com os vencidos é um dos traços marcantes da personalidade de Caxias, que a considerava não como demonstração de bondade, mas, acima de tudo, como um dever. No Maranhão, em carta dirigida ao Ten Cel Freitas Henriques, lamenta profundamente a morte do Ten Conrado, não apenas por ser dos mais

bravos combatentes mas também "por não ser cruel com os vencidos". A respeito dos prisioneiros, determina: "Prisioneiros, querovê-los; mortos, como não os vejo, não os conto". No final da luta, assina as anistias de Raimundo Gomes e do Cosme, dois dos principais chefes da rebelião. Em São Paulo, cerca Feijó de atenções, o mesmo fazendo com a Marquesa de Santos, recém-casada com Rafael Tobias de Aguiar, o outro chefe derrotado. Em Minas Gerais, ao saber que Teófilo Otoni e outros líderes liberais eram vítimas de maus tratos, despacha um oficial com ordens no sentido de pôr fim aos abusos e dispensar-lhes tratamento condigno. Muitos anos mais tarde, como Presidente do Conselho de Ministros, insiste junto a D. Pedro II na concessão da anistia aos bispos aprisionados, e consegue pôr fim à ruidosa Questão Religiosa.

Na Revolução Farroupilha, Caxias enfrentou com desassombro dois problemas que considerava da maior importância: o tratamento desumano dispensado aos prisioneiros de guerra e os abusos e violências contra a população das áreas conflagradas.

A tenacidade e o vigor com que o valoroso soldado combateu as atrocidades são ressaltados por todos os estudiosos da sua atuação. O anônimo autor das *Reflexões sobre o Generälato do Conde de Caxias*, testemunha ocular de sua participação na Guerra dos Farrapos,

documenta com precisão: "Se o General exigia o cumprimento exato dos deveres de suas tropas, quando elas se achavam em perseguição ao inimigo, era, por assim dizer, inexorável sobre a execução das ordens que lhes dava, quando elas iam ocupar ou estacionar-se em alguma povoação. A mais pequena falta era punida pronta e severamente. Os comandantes das forças de ocupação tinham uma restrita recomendação do General, para não deixarem insultar por seus soldados nenhum habitante, sob pena de sua responsabilidade pessoal; e essa exigência, além de ser justíssima, contribuiu muito para legalizar os rebeldes."

Outro dos seus biógrafos, Hernani Donato, afirma: "A sua ordem peremptória no sentido de que nenhum prisioneiro fosse degolado, em quaisquer circunstâncias (e a degola de prisioneiros era a regra pura e simples de todas as guerras campeiras), fez com que dezenas de valentes rebeldes, só por isso, depusessem as armas."

Paulo Matos Peixoto, talvez o melhor dos biógrafos de Caxias, sintetiza os efeitos da sua ação conciliadora: "Muitos homens das hostes farrapas, levados pela gratidão ou pelo empenho das mulheres e, ainda, pela confiança que tais gestos lhes inspiravam, apresentaram-se, depuseram as armas e pediram anistia."

Para que se possa avaliar a estatura moral do Patrono do Exército e a sua permanente

preocupação com os Direitos Humanos, transcrevemos, a seguir, trecho da Ordem do Dia dirigida às suas tropas, na campanha de 1851, alertando para o fato de que não se trata, como das vezes anteriores, de conflito entre brasileiros e em território brasileiro, mas de uma guerra externa e contra estrangeiros:

"Não tendes no Estado Oriental outros inimigos, senão os soldados do General D. Manoel Oribe; e estes mesmos enquanto, iludidos, empunharem armas contra os interesses de sua Pátria; desarmados ou vencidos, são americanos, são vosso irmãos e, como tais, os deveis tratar. A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios de humanidade. A propriedade de quem quer que seja, nacional, estrangeiro, amigo ou inimigo, é sagrada e inviolável, e deve ser tão religiosamente respeitada pelo soldado do Exército Imperial como a sua própria honra. O que por desgraça a violar, será considerado indigno de pertencer às fileiras do Exército, assassino da honra e reputação nacionais e, como tal, será severa e inexoravelmente punido."

Caxias compreendia, perfeitamente, as vantagens práticas dessa política conciliadora. Além de atender a um imperativo moral e humanitário, contribuía para desarmar os espíritos e apressava o fim do conflito pela mudança do comportamento dos grupos nele envolvidos. As suas tropas passavam a atuar dentro do respeito à or-

dem, à hierarquia e à disciplina, fatores essenciais à obtenção de um moral elevado. A população, jamais vista como inimiga e com a vida cotidiana normalizada, passava a colaborar com as suas forças e a negar auxílio aos adversários. Finalmente, aumentavam consideravelmente as deserções nas fileiras contrárias, pois não podem ser idênticas as vontades de lutar do combatente que sabe que será morto se cair prisioneiro, comparada com a do que tem certeza de que, se for preso, será bem tratado, anistiado e mandado de volta para casa.

GOLPES DE MESTRE

Ao iniciar as operações militares contra os farroupilhas, em janeiro de 1843, Caxias defrontava-se com dois importantes problemas, de difícil solução: transportar para Porto Alegre 5.000 cavalos que se encontravam em São Gonçalo e, em seguida, fazer a junção de suas tropas com o grosso do Exército situado em São Lourenço.

Sabendo que os farrapos contavam com um eficiente sistema de informações, concebeu, mentalmente, o seu plano, que a ninguém revelou. Deixou transparecer, todavia, que dividiria as suas forças em duas colunas, que atuariam nas fronteiras do Rio Pardo e do Rio Grande, e aguardou que os rebeldes rumassem para essas regiões. Em seguida, desloca-se para São Gonçalo, recolhe a ca-

valhada, retorna a Porto Alegre e daí segue para São Lourenço, juntando-se ao grosso do Exército, após percorrer mais de 400 quilômetros, sem ser perturbado pelo inimigo e sem disparar um único tiro.

Em outra ocasião, emprega o mesmo estratagema – o boato lançado na rede de informações inimiga – e consegue reunir 4.000 cavalos, de que suas tropas tanto necessitavam. O autor das *Reflexões* conta-nos os detalhes do astucioso plano: "Chegando ao Conde a notícia de que o inimigo tentava fazer um grande esforço para dar um golpe-de-mão na cavalhada que estava em depósito, na margem direita do São Gonçalo, simulou dos Campos do Carmo, onde estava acampado no dia 11 de junho, uma retirada para Caçapava e fez correr a voz que ia fazer quartéis de inverno naquela povoação. Nesse mesmo dia, destacando uma força de 1.000 homens de infantaria e cavalaria ao mando do Cel Marques, ordenou a este oficial que forçasse as suas marchas, encobrindo seus movimentos o mais possível ao inimigo, para ver se podia, sem ser pressentido, aproximar-se de São Gonçalo e bater as partidas rebeldes que infestavam aquelas paragens, conduzindo depois para o Exército toda a cavalhada encontrada nos depósitos."

Essas inteligentes manobras, executadas por Caxias, causaram surpresa e descontentamento entre os revoltosos que, além de ficar em situação

desvantajosa, eram forçados a admitir que a astúcia e a esperança não constituíam privilégio dos chefes farroupilhas.

A PACIFICAÇÃO

Após as vitórias de Bento Manoel, em Ponche Verde, e de Francisco Pedro, em Porongos, ficava evidente que o poderio militar farroupilha estava desgastado, não tendo mais condições de empreender operações de vulto. A República de Piratini caminhava para o seu término, a despeito de declarações em contrário de seus líderes.

A situação geral era, com efeito, francamente favorável aos imperiais: dominavam quase toda a Província, tinham superioridade naval, conservavam a ofensiva, controlavam a população e os recursos, levavam vantagem em infantaria, em artilharia e em suprimentos, e haviam neutralizado o apoio platino aos rebeldes, através da missão do Visconde de Sinimbu.

Caxias percebeu que o momento era propício para a Pacificação, tantas vezes tentada anteriormente mas que sempre esbarrara em duas posições irreconciliáveis: do lado do Império, a exigência de uma rendição incondicional e, do lado farrapo, o reconhecimento de sua autonomia política. O Pacificador sabia que tinha pela frente missão difícil, que consistia em convencer ambas as partes a mudar por completo as suas atitudes.

Compreendendo que a parte mais delicada da sua tarefa era obter a compreensão dos gaúchos, nela emprega o seu empenho, a sua habilidade, a sua empatia, a sua virtude de perceber os sentimentos mais profundos das pessoas, de que nos fala Paulo Matos Peixoto:

"Esse conhecimento de psicologia aplicada das multidões dava-lhe condições de avaliar os traços predominantes dos povos situados em zonas inimigas, o que era de inestimável importância no planejar as campanhas. Tal capacidade de entender homens e multidões devia-a ele a dom inato, a qualidade pessoal não instruída por nenhum estudo especial."

E exatamente essa rara qualidade que vai fazer com que Caxias analise os farroupilhas sob enfoque singular, penetrando a fundo na sua alma e identificando os seus sentimentos dominantes. Como resultado de sua prospecção psicológica, chega a duas conclusões importantes, que contrariavam as evidências do momento. Primeira: o sentimento de brasiliade dos gaúchos era muito superior aos ideais federalistas, republicanos e separatistas. Segunda: a despeito das afinidades culturais e das alianças dos líderes, prevaleciam fortes desconfianças e antagonismos contra os platinos, remanescentes de lutas seculares e de constantes conflitos fronteiriços.

Baseado nessas constatações, que não foram percebidas por seus antecessores, Caxias

encarou os farroupilhas como brasileiros e procurou desarmar os seus espíritos da maneira mais apropriada.

Em proclamação profética, afirmava, em 17 de março de 1843: "Lembrai-vos que, a poucos passos de vós, está o inimigo de todos nós, o inimigo de raça e de tradição. Não pode tardar que nos meçamos com os soldados de Rosas e de Oribe; guardemos para então nossas espadas e nosso sangue. Vede que esse estrangeiro exulta com essa triste guerra, com que nós mesmos nos estamos enfraquecendo e destruindo. Abracemo-nos e unamo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é nossa mãe comum."

Os entendimentos para a pacificação, que já se arrastavam há bastante tempo, vão obter decisivo alento no encontro secreto de Caxias com Davi Canabarro, que assumira o comando das armas republicanas. Fazendo com franqueza e lealdade, qualidades praticadas e admiradas pelos gaúchos, apela para o patriotismo do valoroso chefe rebelde, aponta-lhe as vantagens da pacificação para o Império e para o Rio Grande. Mostra-lhe, sinceramente, que a Revolução não tinha mais condições de vencer; acena-lhe com uma paz honrosa para os farroupilhas e, sobretudo, revelando-lhe segredos diplomáticos, explicita a ameaça platina, citada em sua proclamação. Coloca-o a par das verdadeiras inten-

ções dos líderes platinos, mascaradas de afinidades republicanas: Rosas pretendendo a reconstituição do Vice-Reinado do Prata, com a anexação do Paraguai, do Uruguai e talvez do Rio Grande, e o oriental Rivera, movido pelo sonho do Uruguai-Maior, compreendendo o Estado Oriental, Corrientes, Entre-Rios e o Rio Grande do Sul.

O sincero esforço de Caxias não tardaria a dar frutos. A proposta de Rosas de enviar-lhe soldados para derrubar o Império, Davi Canabarro responde com dignidade e altivez:

"Senhor. O primeiro dos vossos soldados que transpuiser a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros. Quisemos, ontem, a separação de nossa Pátria, hoje almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso país, encontrarão, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do Sr. D. Pedro II."

A Pacificação foi finalmente acertada, em condições altamente honrosas para os farroupilhas, que foram recebidos como irmãos pela grande família brasileira. Eles puderam indicar o novo Presidente da Província, tiveram as suas dívidas assumidas pelo Império e foram mantidos nos mesmos postos no Exército Imperial. Após quase dez anos de lutas, a heróica Província de São Pedro do Rio Grande do Sul integrava-se novamente ao convívio nacional,

graças à competência e ao patriotismo desse ilustre brasileiro que, entre tantos títulos a que fez jus, guarda como maior galardão o de Pacificador.

NA GUERRA EXTERNA, ITORORÓ: UM GESTO, UMA FRASE

A participação pessoal de Caxias, influindo decisivamente na Batalha de Itororó, é um dos exemplos mais completos e perfeitos de Operação Psicológica.

Acompanhando de perto o desenrolar da peleja e percebendo que o afastamento de chefes ilustres e admirados, como Fernando Machado, Gurjão e Argolo, feridos em combate, causava desânimo em nossas forças e estimulava o fôrte combativo do inimigo, Caxias assume o risco calculado de intervir na batalha. Para situações críticas, soluções extremas. Em sua longa e agitada vida militar, enfrentara dificuldades semelhantes, onde pusera à prova a sua bravura pessoal e que, naquele momento, devem ter voltado à sua memória: os assaltos de peito aberto, nas lutas pela Independência, na Bahia; o aprisionamento do lanchão pirata no Arroio do Pando, na Cisplatina; o combate em situação desvantajosa em Santa Luzia; o reconhecimento do porto de Buenos Aires, cercado de inimigos, a bordo do vapor *Afonso*, na campanha contra Rosas. Em todas essas ocasiões não fora impulsionado por bravatas, mas orientado pela razão e pela necessi-

dade, como bem esclarece Paulo Matos Peixoto:

"Também nesses lances de destemor e sacrifício, tinha uma razão prática. Não cedia a simples impulso, não era impelido por sentimentos incontroláveis. Fazia-o conscientemente, calculadamente, no momento próprio, quando sua intuição aconselhava o ato temerário como fator psicológico capaz de influir no rumo da batalha."

Em Itororó, Caxias apreendeu a situação num relance; sentiu que a decisão devia ser instantânea e que só havia duas alternativas: o triunfo ou a derrota. Consciente de que era o símbolo da vitória para os seus soldados, posta-se à sua frente, ergue a espada invicta e, suplantando o peso dos seus 64 anos de idade, lança-se contra o inimigo, com a ordem de carga: "Sigam-me os que forem brasileiros."

O efeito dessas palavras é descrito por Dionísio Cerqueira, que testemunhou o episódio: "Quando ele passou pela frente do Dezesseis, em Itororó, com as faces incendiadas e a espada curva desembainhada, foi preciso o comandante mandar — Firme — para que não o seguissem todos." Mais adiante, o mesmo autor complementa: "Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante."

Em termos de Operações Psicológicas dificilmente encontraremos outro exemplo tão significativo. A Mensagem, reduzi-

da à expressão mais simples: um gesto e uma frase, que encontraram a resposta, o feedback, imediatos e de máxima intensidade, mudando por completo o comportamento dos contendores, invertendo radicalmente a situação e transformando uma derrota iminente em retumbante vitória.

CONCLUSÃO

Apresentamos, no presente estudo, o emprego das Operações Psicológicas pelo Duque de Caxias, de modo planejado e intencional, em apoio às operações militares, para influenciar opiniões e atitudes de grupos amigos, neutros ou adversos, levando-os a adotar comportamentos predeterminados, que favoreceram a sua ação de comando.

Justificando plenamente o epíteto de Psicólogo, que lhe foi atribuído por notáveis historiadores, Caxias demonstrou profundo conhecimento da psicologia individual e coletiva e da dinâmica dos grupos. Manipulando habilmente o ambiente simbólico através das palavras, e o ambiente físico, mediante fatos concretos, conseguiu excelentes resultados. No Maranhão, os escravos passaram a combater os "balaios", os seus aliados de véspera. Em Minas Gerais e em São Paulo, os revoltosos renunciaram à causa liberal e perderam a vontade de lutar. No Rio Grande do Sul, Bento Manoel voltou a enfrentar os farroupi-

Ihas,. Canabarro convenceu-se das vantagens da pacificação e, sobretudo, os gaúchos constataram que o seu sentimento de brasiliade era superior aos ideais federalistas, republicanos ou separatistas.

Há muito ainda a aprender com Caxias, um perfeito exemplo de Chefia e Liderança, que é genuinamente brasileiro e que comandou brasileiros durante a sua longa e profícua existência. Ao invés de atribuirmos os seus repetidos êxitos a fatores imponderáveis, como o bom senso, a intuição ou a sua boa estrela, parece-nos mais justo e produtivo o estudo aprofundado da sua personalidade, com o objetivo de identificar as raras virtudes que ornavam o seu caráter e que o tornaram tão singular e eminente entre os seus contemporâneos.

Estamos convencidos de que a síntese dessas diferenças é uma extraordinária Capacidade Estratégica, a visão global e completa das situações que enfrentava, a qual, utilizada no campo político, iria incluí-lo no restrito círculo dos Estadistas, ao lado de Bernardo Pereira de Vasconcelos, do Marquês do Paraná e do Barão do Rio Branco, insignes brasileiros que tiveram o privilégio de visualizar o futuro e fizeram de suas vidas preciosos instrumentos da Ordem e da Unidade Nacional. No campo militar, essa Capacidade Estratégica levou-o à conclusão de que os fatores militares estavam intimamente relacionados com os aspectos políticos, econômi-

cos e psicossociais, conduzindo-o à adoção de soluções originais, criativas e pioneiras, de que são exemplos as Operações Psicológicas, sequer cogitadas pelos comandantes do seu tempo.

Analizando detidamente a atuação de Caxias, constatamos que a sua Capacidade Estratégica manifesta-se, claramente, através de um exemplar Método de Comando, empregado em todas as campanhas que dirigiu e que, por sua abrangência e atualidade, guarda valiosos subsídios para a formação de uma Doutrina Militar Brasileira.

O esquecimento das preciosas lições de Caxias, sepultadas na poeira dos arquivos, levou-o, contudo, a seguidos equívocos no combate a conflitos posteriores, de que Canudos é exemplo bastante elucidativo. Não incorramos nos mesmos erros do passado. Busquemos inspiração e orientação segura na vida e na obra do Patrono do Exército, onde sempre haveremos de encontrar, sem sombra de dúvida, não apenas o caminho da Vitória como, também, as soluções que melhor atendam aos superiores interesses do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

1. CAXIAS. Carvalho, Afonso de.
2. CAXIAS, NUME TUTELAR DA NACIONALIDADE. Peixoto, Paulo Matos.
3. VIDA DO GRANDE CIDADÃO BRASILEIRO LUIS ALVES DE LIMA E SILVA – Pinto de Campos
4. APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA

- MILITAR DO DUQUE DE CAXIAS – Eudoro Berlink
5. AS DUAS PAIXÕES DE CAXIAS – Brígido Tinoco
 6. OS GUERREIROS – Hernani Donato
 7. A BALAIADA – Astolfo Serra
 8. CAXIAS E SEU GOVERNO CIVIL NO MARANHÃO – Astolfo Serra
 9. MEMÓRIA - HISTÓRICA E DOCUMENTADA DA REVOLUÇÃO NO MARANHÃO – Domingos J. Gonçalves de Magalhães
 10. A REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1842 – José Antonio Marinho
 11. A REVOLUÇÃO FARROUPILHA – Tasso Fragoso
 12. A EPOPÉIA FARROUPILHÁ – Walter Spalding.
 13. REFLEXÕES SOBRE O GENERALATO DO CONDE DE CAXIAS – Anônimo
 14. REMINISCÊNCIAS DA 'CAMPANHA DO PARAGUAI' – Dionísio Cerqueira
 15. GUERRA PSICOLÓGICA – Paul M. A. Linebarger
 16. PROPAGANDA BÉLICA ALEMANA – WILLI A. Boelcke
 17. ARMA PSICOLÓGICA – NE – 16-66 – ECEME
 18. FM 33-5 – PSYCHOLOGICAL OPERATIONS
 19. PSYCHOLOGICAL OPERATIONS EXTENSION COURSE – FORT BRAGG-US ARMY
 20. CIVIL AFFAIRS COURSE – FORT GORDON – US ARMY
 21. TRABALHOS DO AUTOR RELACIONADOS COM O ASSUNTO: Em "A DEFESA NACIONAL" – O Processo de Comunicação Social (Nº 641). O Boato nas Operações Psicológicas (Nº 641). O Mecanismo das Operações Psicológicas (Nº 643). Os Princípios de Guerra nas Operações Psicológicas (Nº 644). Caxias e o Risco Calculado (Nº 620). Caxias e a Arma Psicológica (Nº 625). Caxias e a Contra-Insurreição (Nº 646). Na "REVISTA MILITAR BRASILEIRA": Caxias e os Assuntos Civis (Jan/Jun 69) e Caxias e a Antiguerrilha (Out/Dez 68).



Cel Inf QEMA FILADELFO REIS DAMASCENO – Formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras, aperfeiçoando-se na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Possui também os cursos de Altos Estudos Militares (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército), Guerra nas Selvas (Centro de Instrução de Guerra nas Selvas), Comunicação Social (Centro de Estudos de Pessoal do Exército). É também Técnico em Administração.

Possui quatro livros publicados, além de diversos estudos e monografias e dezenas de artigos em vários jornais. É também autor de hinos e canções de unidades do Exército.

Recebeu inúmeras condecorações e é vencedor de alguns concursos. É membro dos Institutos Histórico e Geográfico de Sergipe e de Uruguaiana e da Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhistica.

Como principais comissões, tem as de Adjunto da Presidência da República, do Gabinete do Ministro do Exército e do Estado-Maior do Exército; Chefe da 3ª Seção da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Chefe de Gabinete no Superior Tribunal Militar. Assistente Secretário do Comandante do II Exército. Comandante da Polícia Militar da Bahia. Instrutor de CPOR de Salvador. Comandante da "Operação da Fibra" e da "Marcha a Pé da Bahia a Brasília".